

Primeira Edición: novembro 2022
ISBN: 978-84-09-46493-7
Depósito Legal: C 1946-2022
Impreso en Compostela por Tórculo
Edición: Xoán Hermida e Patricia de la Fuente
Coordinación: Manuel Dios

Autores/as

Prólogo_ Federico Mayor Zaragoza

Jordi Armadans

Manuel Barbeitos

Ana Barrero

José Antonio Binaburu

Irene Comins

Manuel Dios Diz

Jonan Fernández

Lourenzo Fernández Prieto

Tica Font

Emilio Grandío

Rafael Grasa

Xoán Hermida González

Joám López Facal

Carmen Magallón

Karen Marón

Manuela Mesa

María Oianguren

Pere Ortega

José Manuel Pureza

Guillermo Solarte



ADEUS ÁS ARMAS: QUE FOI DO PACIFISMO? encóntrase baixo unha
Licenza Creative Commons: Recoñecemento-SenObraDerivada (by-
nd): <http://creativecommons.org/licenses/by-nd/3.0/deed.gl>

VARIOS AUTORES

Prólogo_Federico Mayor Zaragoza

**Jordi Armadans_Manuel Barbeitos_Ana Barrero_José
Antonio Binaburu_Irene Comins_Manuel Dios Diz
(Coord.)_Jonan Fernández_Lourenzo Fernández
Prieto_Tica Font_Emilio Grandío_Rafael Grasa_Xoán
Hermida_Joám López Facal_Carmen Magallón_Karen
Marón_Manuela Mesa_María Oianguren_Pere
Ortega_José Manuel Pureza_Guillermo Solarte**

ADEUS ÁS ARMAS **Que foi do pacifismo?**



QUE FOI DO PACIFISMO?

José Manuel Pureza

é licenciado em Direito e Doutor em Sociologia das Relações Internacionais pela Universidade de Coimbra. É Professor Catedrático de Relações Internacionais nesta universidade e investigador no Centro de Estudos Sociais, onde criou e coordenou o Núcleo de Estudos para a Paz. Foi deputado e vice-presidente da Assembleia da República. É autor, entre outras obras de “Para uma cultura da paz” (2001), “Linhas Vermelhas: crítica da crise-cómo-política” (2014) e “Emancipar o mundo. Teoria Crítica e Relações Internacionais” (2021)

Quatro desafios para o movimento pacifista no nosso tempo

Todas as guerras desafiam o movimento pacifista, não só na sua capacidade de mobilização da resistência como nos argumentos que lhe imprime. Na polarização máxima que é a marca dos climas de guerra, o movimento pacifista é invariavelmente acusado, por cada um dos lados, de cumplicidade com a barbaridade do outro. Foi sempre assim ao longo da história. É de novo assim agora, quando a guerra na Ucrânia se revela uma guerra mundial no seu alcance presente e nos seus potenciais destrutivos a prazo.

O pós-Guerra Fria trouxe duas mudanças fundamentais do contexto que dava sentido e marcava a agenda do movimento pacifista internacional. Por um lado, o “momento unipolar” no sistema internacional, resultante do triunfo do mundo capitalista liberal, retirou ao movimento pacifista a sua natureza estratégica. Por outro lado, essa substituição do protagonismo do confronto estratégico pela proliferação de emergências complexas nas periferias do sistema internacional, em que o continuum entre as violências da guerra e as violências da paz ganhou expressões de grande intensidade, tirou alguma clareza ao “programa” pacifista. Nas últimas três décadas, muito do discurso pacifista anterior foi cooptado para integrar as políticas liberais standardizadas de peace building nas periferias e para justificar a substituição de uma transformação social ambiciosa por políticas de estabilização e de contenção dos efeitos das “novas guerras”.

O nosso tempo vem pôr em causa esse apagamento, no quadro da hegemonia das políticas liberais, de uma agenda de transformação radical de que o movimento pacifista internacional foi uma das expressões mais fortes.

QUE FOI DO PACIFISMO?

Em primeiro lugar, porque este é, desgraçadamente, o tempo do regresso da velha guerra. A guerra provocada pela invasão da Ucrânia pelas tropas da Federação Russa traz-nos de regresso às guerras entre exércitos nacionais – ainda que com o envolvimento de mercenários e de exércitos privados – em que a conquista de território é o leitmotif do conflito e em que a contabilidade e a sofisticação do armamento é elemento decisivo. Como em outras guerras do passado com esta natureza, o movimento pacifista é chamado a ter posições claras sobre a natureza incondicional e absoluta, ou não, do bem ‘paz’, ou seja, tem que ser claro sobre a aceitação ou não da necessidade de articular a luta pela paz com a luta pela autodeterminação ou com a resistência a agressões. Parece ser evidente que muita da dificuldade de mobilização do movimento pacifista internacional neste momento tão dramático decorre precisamente dessa dificuldade do próprio movimento em ser claro face a estes dilemas.

Em segundo lugar, o que o tempo do pós-Guerra Fria nos ensinou foi que há muitas guerras dentro da paz. Violências de alta intensidade em países formalmente em paz têm sido frequentemente mais letais e causam maior destruição social que muitas guerras formalmente declaradas. Este continuum das violências chama o movimento pacifista para ser uma voz de primeiro plano na discussão das violências estruturais e dos patamares de armamento atingidos em muitas sociedades, com os resultados nefastos que são conhecidos.

Em terceiro lugar, o movimento pacifista está desafiado a dar densidade concreta ao princípio elementar ‘a paz por meios pacíficos’. Faz falta um grande movimento social mundial que mobilize os povos não só contra a ameaça do apocalipse nuclear, mas também a favor de formas não violentas de transformação social, articulando à volta disso, em todas as escalas (local,

nacional e global) os ativismos que se batem contra todas as violências e todas as opressões.

O quarto desafio é o que resulta dos três anteriores. Esse é o desafio da interseccionalidade. Se quiser ser mobilizador, o movimento pacifista tem de se articular com o movimento pela autodeterminação e pela democracia em escala mundial e com o movimento ecologista contra as alterações climáticas. Se quiser contrapor a paz ao continuum das violências, o movimento pacifista tem de se articular com o movimento feminista. Se quiser ser coerente com o imperativo da paz por meios pacíficos, o movimento pacifista tem de se abrir aos conhecimentos e às práticas que têm estado afastadas do cânone liberal e ocidental das políticas de peace building, juntando-se aos movimentos pela justiça cognitiva mundial.

O movimento pacifista soube sempre combinar a lógica da urgência com a lógica do longo prazo. Assim tem de ser também agora.

José Manuel Pureza